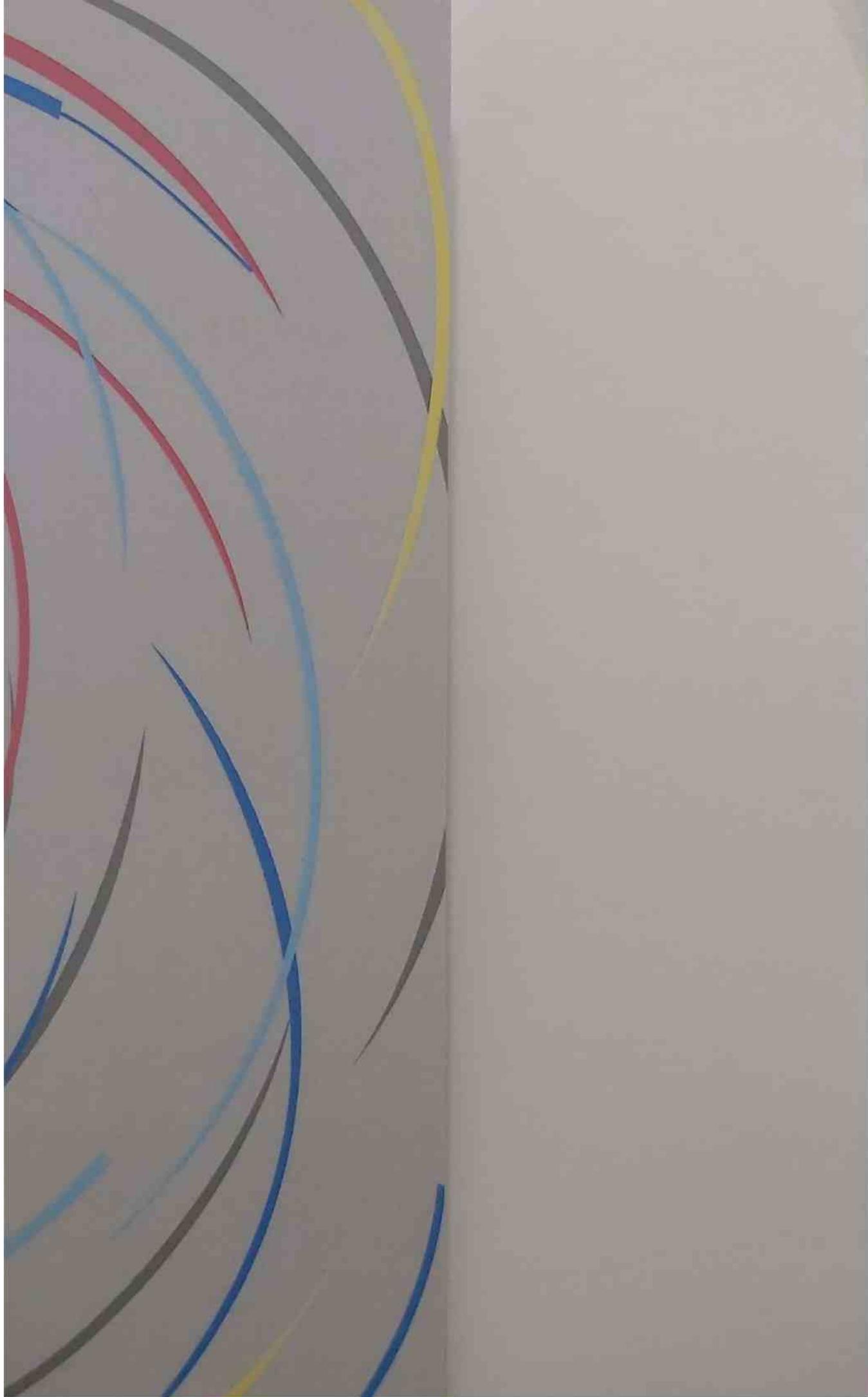


GARATUJAS

Um contorno de sombra

Mauro Mendes



GARATUJAS

Um contorno de sombra

CONTATO COM O AUTOR
jmauromendes@uol.com.br

Mauro Mendes

À poeta Soares Feitosa,
minhas "garatujas", poesia da
vida inteira, com um forte
afneço!

Mauro Mendes
Salvador, 21/10/2015

GARATUJAS

Um contorno de sombra

SCOR
Editora
TECCI

Copyright© José Mauro Oliveira Mendes

7720/1 – 250 – 112 – 2015

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es),
proprietário(s) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mendes, José Mauro Oliveira

Garatujas : um contorno de sombra / José Mauro
Oliveira Mendes. -- São Paulo : Scortecci, 2015.

ISBN 978-85-366-4236-9

1. Poesia brasileira I. Título.

15-04903

CDD - 869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

GRUPO EDITORIAL SCORTECCI

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefone: (11) 3032-1179

www.scortecci.com.br

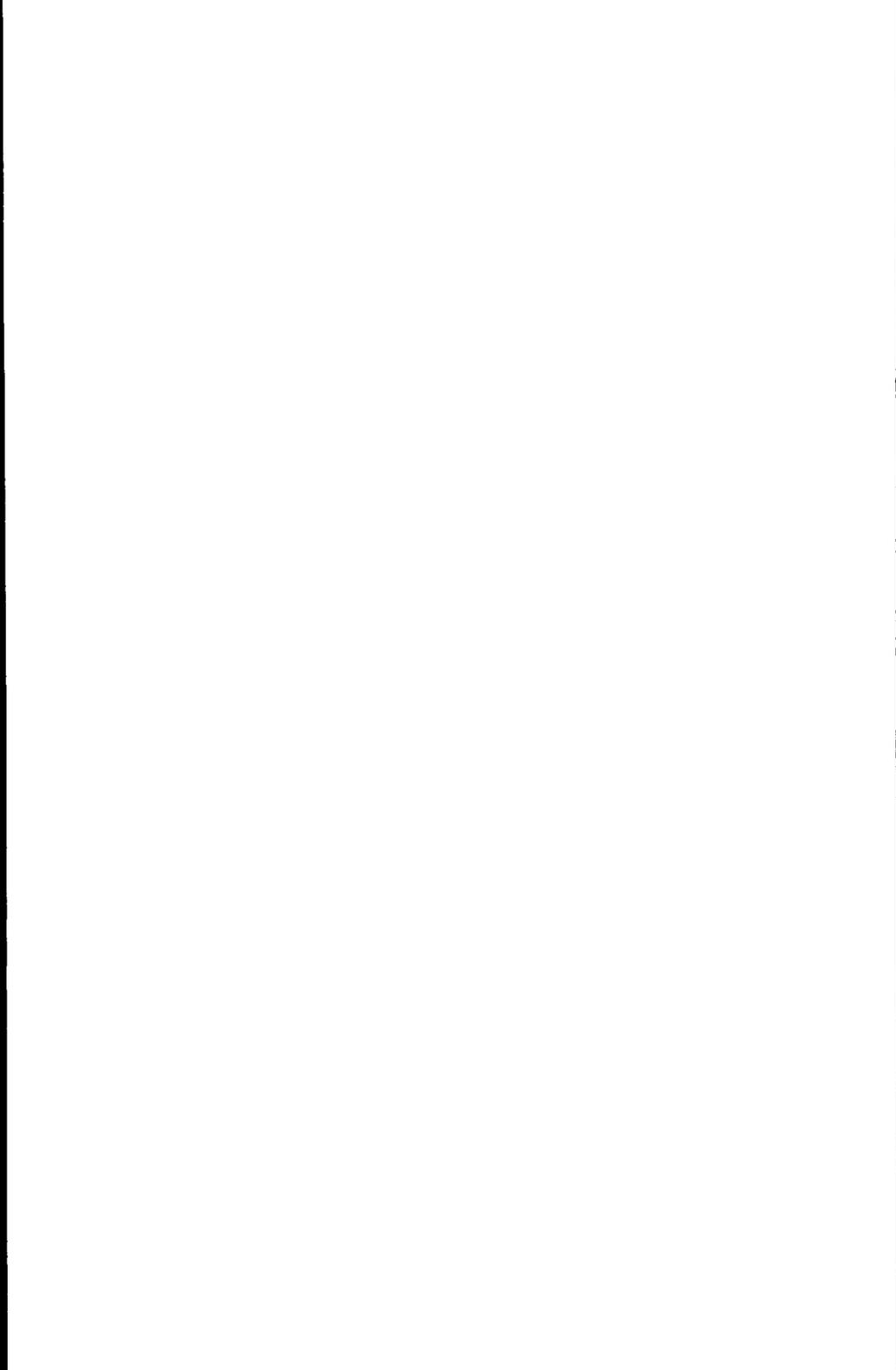
editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

Telefone: (11) 3031-3956

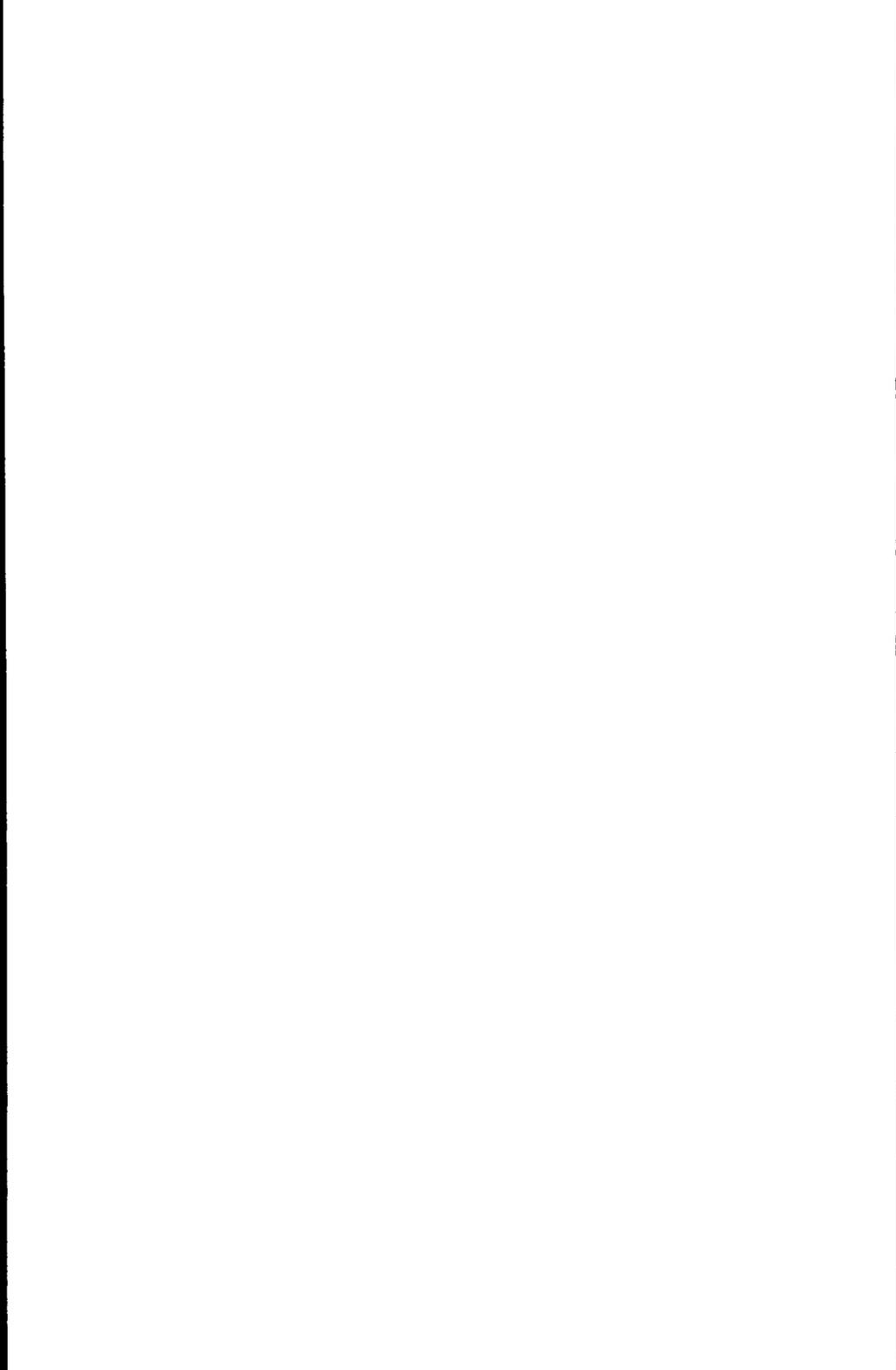
www.asabeça.com.br

Ao amigo Oséas Gois



“Não tenho nenhuma defesa contra o nada a não ser esta arca, onde tentei juntar tudo que me foi caro, gente, pássaros, animais e plantas, tudo que carrego no meu olho e no meu coração na arca de três andares do meu corpo e da minha alma.”

Danilo Kis – Hourglass

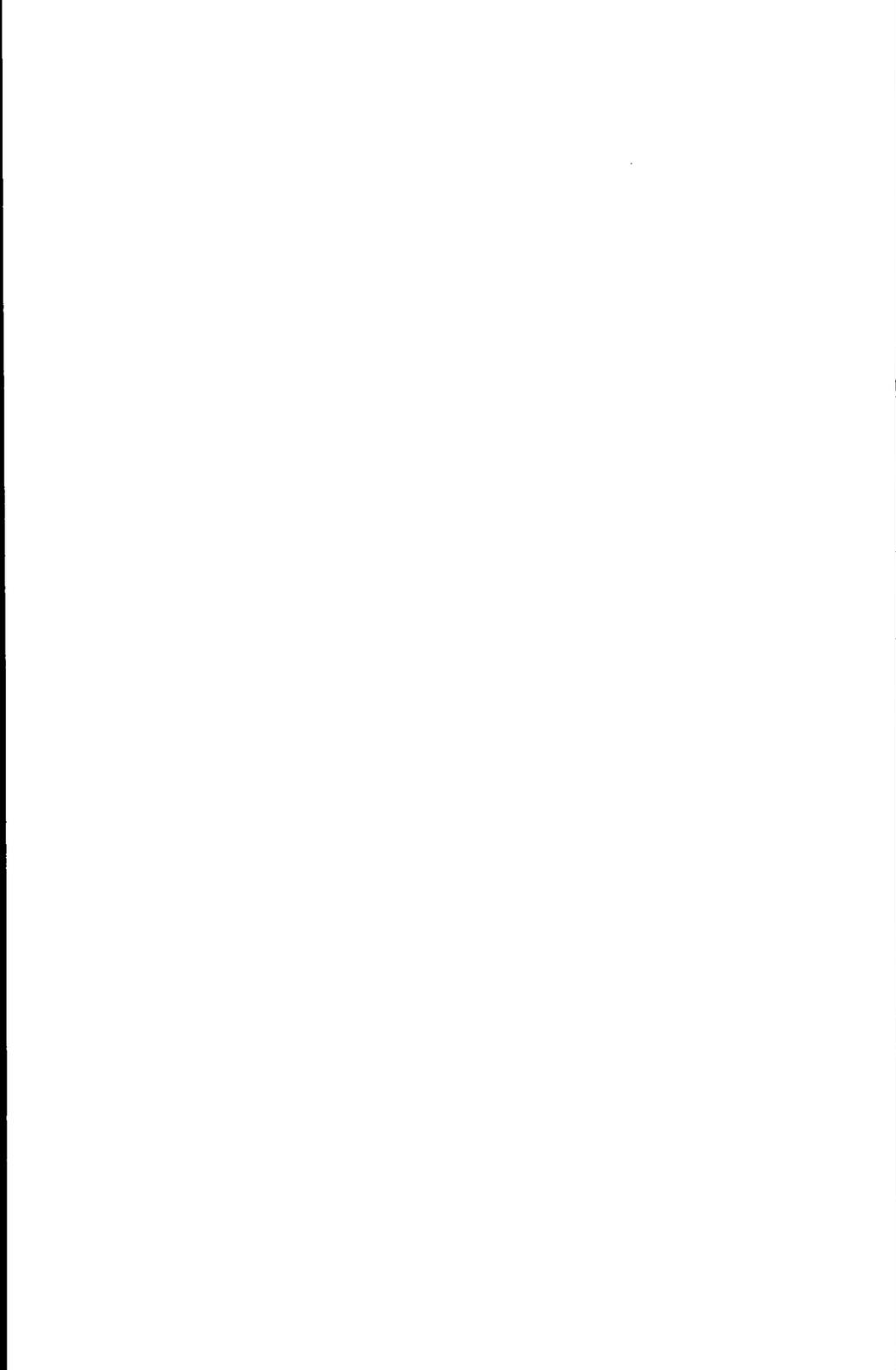


Garatujuas é assim como um prefácio factível-fictício, prosaico-poética introdução...

Garatujuas foi escrito ao longo de muito tempo e nada como o tempo para mostrar como poemas e prosas vão se misturando no mesmo baú...

Garatujuas faz pensar sobre a gênese de um poema. Não se chama, simplesmente, um poema pelo nome e ele vem. Poemas são filhos pródigos ou desconhecidos, que, no entanto, ou por isto mesmo, surgem, de repente, como por encanto, e logo se instalam e se tornam perfeitamente íntimos. Tampouco se escorraça um poema como a um cachorro. Ao contrário, ele é que vem e te pega e te morde e te contamina com a sua baba lírica, onírica, profética e nunca mais sai de cima do telhado, como um autêntico Tutu ou outro bicho-papão qualquer das canções da infância...

Garatujuas sabe um pouco disto tudo. São muitas as histórias, mas nada, aqui, deve ser considerado ficção. Qualquer semelhança com pessoas ou acontecimentos reais não será coincidência, será apenas reincidência...



SUMÁRIO

Escalada	15
Viagem	16
Eclipse.....	17
<i>Lunar Jeep</i>	18
Cavalaria.....	19
Ponta de cais.....	20
Libertação.....	21
Despedida.....	22
Medicinal.....	23
Surpresa	24
Toxicomania	25
Micróbios.....	26
Engano.....	27
Bom Jesus dos aflitos.....	28
Garatuja.....	30
Gávea.....	32
Constatação	33
Nada vezes nada	34
Sonambulismo	35
Nostalgia.....	36
Ortografia	37
Fuga.....	38
Contorno de sombra.....	39
Canção com palavras	40
Vigília.....	41
Sierra Madre	42
Inverno.....	43
Desculpas.....	44
Vesperal.....	45
Constatação	46

Vento claro	47
Canal 7	48
Passatempo.....	49
Luzes da cidade.....	50
A isca.....	51
Comercial.....	52
Óptica.....	53
Histórias da avózinha.....	54
Bom tempo.....	55
Noturno.....	56
Revelação	58
Acalanto.....	59
Barcarola.....	60
Romeu e Julieta.....	61
Alegoria.....	62
Tautologia.....	63
Poema inexistente.....	64
Poema fim de tarde, fim de linha, fim de qualquer coisa.....	65
Sentimento (<i>Bic poem</i>).....	67
Pesquisa.....	68
Constatação	69
Pesadelo	70
Itinerário	71
Poema contábil	72
Studio 2 (Despedida)	73
Última lição do ano, à moda de um dever de classe	74
Sinopse.....	76
Mar obsoleto	77
Insônia.....	78
Noturno.....	79
Transposição	80
Medo dos palhaços.....	81
Viagem	83
Náutica.....	84
Pastoral.....	86

Definição	87
Sugestão	88
Gênesis.....	89
Constatação	90
Ditirambo	91
Aleluia.....	92
Alquimia.....	93
Carrossel	94
Canção com palavras	95
Fonética.....	96
Pontuação	97
Máscara	99
S O S.....	100
A esperteza de Ulisses	101
Tocata	102
O rei Midas.....	103
Poemínimos.....	104
Noites do castelo	107
Identificando um poeta.....	110



ESCALADA

Vou ao cimo da montanha
me abastecer de vento,
pedregulhos,
sol poente, luminescente.
Tergiverso (reverso),
terra e verso.
Contar estrelas que já não choram
(ora, direis, e nem conversam),
deixar ao relento
quimeras que desabrocham,
para que tenham um passado feliz,
à fina flor dos tempos.

VIAGEM

Poucas vezes o mar
no retrovisor,
azul, azulmente...
Muito mais a estrada,
a areia branca,
imensa, imensamente...
Busco minha meta, meu fim,
num sentido contrário, distante...
Um “bip-bip” eletrônico,
incomunicável,
lunático, talvez...
Interessam-me muito
o teu diagnóstico,
o teu veredicto,
o teu nome de guerra,
a tua sigla,
o teu *slogan*
e sei lá mais o que ou quando!

ECLIPSE

Outrora, a rua era calma,
com uns leves pingos de entardecer.
Antes, havia você e a sombra
e nem vejo que o tempo nos percebe.
Havia vaga-lumes,
numa noite que desconheço,
e havia a dança dos vaga-lumes.
Não era um jogo e eu queria
que mesmo a noite
fosse tão somente noite,
sem ter que voltar atrás
e, quem sabe, te encontrar..
Agora, o tempo existe
e, em tempo de luz é ouro,
que desdouro!
O sol chateia,
o sol dá fossa.
Quem diria, hein?
Quem diria que deste sol sairiam
tantas manhãs ensolaradas?

LUNAR JEEP

Despertei com a estrela d'alva,
lua, galáxias e *laser*.
O que farei depois deste cigarro,
desta poesia atrasada de espaço-versos?
Mas eu sou mesmo assim
tão sem poesia,
como a poesia dos teus olhos
vistos sem mais.
Viajei de meteorito,
não sei se cheguei em hora
de desaponto ou desatempo.

CAVALARIA

Debrucei-me na tua dor antiga,
aquela dor primitiva,
e fui encontrar, perdido,
o meu passado medieval.
Sou o teu cavaleiro andante,
teu conselheiro,
teu Rocinante,
teu menestrel e jogral.
Por ti saíria em busca
até do Santo Graal!
Canto os motivos que fazem a festa,
que inspiram as canções de gesta,
que movem tudo afinal.

PONTA DE CAIS

Pepsamar na preamar...
Na maré cheia do tempo vazio,
estou além-sonho,
além-distante,
beira-mar...
Maré vazante do preamor,
flutuante refluxo do amor lunático...
Maré morta...
Maresia...
Pepsi-amar no pré-amar...

LIBERTAÇÃO

Não fique triste,
não se preocupe!
Se você morrer,
eu culpo o farmacêutico responsável,
o médico, o anestesista,
não há razão pra se preocupar.
Se a noite está sem estrelas,
se a lua não vai voltar,
não fique triste!
A culpa é dos bombardeiros,
do bombardeio artificial
no coração glacial
das nuvens que não passaram.
Pra que passar?
Não precisa se preocupar!
A natureza faz tudo bem,
da aurora ao por-do-sol,
até o teu sorriso sem igual
de nicotina e creme dental!

DESPEDIDA

Já vou andando,
sem vento,
sem remo,
sem remoinho.
Saudade dos dias que não ficaram
e que estão por vir,
melhores...
Saudade das horas sem ti,
sem te sentir contigo.
Eu só quero ir mesmo,
eu quero mar
ou mal quero te perder.
Enviarei saudades,
microlembranças,
microfilmes, microfichas,
fotocópias e diplomas,
certificado de amor em segunda via.
Então, regressarei.

MEDICINAL

Amei-te por instâncias de um humor aquoso,
em que ainda navego,
em busca do teu amor analgésico,
o teu amor infindo.
Então, quem sabe,
ainda te encontre,
à deriva,
e te derive, te integre
ao meu emaranhado,
ao meu sistema oticamente vazio,
que apenas te presente.

SURPRESA

O farol das lantejoulas madrugou,
no carnaval vou falar à minha dor.
Há muito eu precisava cumprir
esta promessa de mau pagador,
mas o trabalho paga a dor?
Eu sempre me esperei assim,
com esta idéia enroscada nos chifres
ou qualquer outra coisa afim.
Planificadoras, panificadoras, amplificadoras,
um subúrbio quieto,
um desafeto,
a Dorinha, a das Dores, a Margô.
A dor planificada, panificada, amplificada,
num subúrbio em flor.
Um certo subúrbio nostálgico e acolhedor,
o vento a ventilador,
nas sublimes catedrais do amor,
saí, por entre frestas,
este agradável cheiro de festas!
Pois não,
ventoinhas, gôndolas, tlim-tlim,
eu nunca te esperei assim,
tintim por tintim.
Barcarolas, Veneza decapitada,
bonecas cobiçadas,
Tântalos e farândolas encalhadas!
Pois não!
Eu só queria dizer que sim que não,
que eu vinha,
nestas mal traçadas linhas...
Mas, não precisa dizer,
ninguém gosta destas rimas,
ninguém pensa nesta dor,
no carnaval vou lhe falar de amor.

TOXICOMANIA

Vim por caminhos diversos,
mares de versos,
que te enviarei sem demora.
Cocaína *best-seller*, mesalina,
primeiro lugar no *hit-parade*!
Quem me dará tua visão melíflua,
teu sonho de aspirina ao microscópio?
Minha pobre e louca Messalina,
tu, na vida, não passas de heroína!
Teu beijo, que acalma a minha tosse,
precisa ter muita codeína,
pra sempre ser, como se exige,
uma autêntica xaropada!

MICRÓBIOS

Eles não morrerão, propriamente.
Vão criar para eles um meio ácido
e, depois do ciclo do nitrogênio,
que já vai ficando monótono,
irão compor a alta atmosfera,
povoada de vaga-lumes entediados.

ENGANO

Procurei a pedra no sapato,
mas era meu pé que tinha um calo.
Metafísica decadente,
equivoco inocente,
como este ar de praia
do cheiro de peixe na calçada.

BOM JESUS DOS AFLITOS

“Eis o sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”.

Lucas, 2:12

Naquele tempo,
teria sido diferente,
no presépio, na cabana,
se já existisse Ocapana.¹
Mas, hoje, um novo signo
(na verdade, um artefato)
já mobiliza pastores,
profetas e adivinhos:
a manjedoura iluminada
com as pilhas do gato
e, ao redor, o boi,
o jumentinho inocente
e a vaquinha Mococa,
pois, “em qualquer ocasião,
tudo vai melhor com coca”!
Papai Noel vem de Corcel!
Os Reis Magos sentem inveja,
não chegarão a tempo de beijar
os teus lábios cor de mel.

¹ OCAPANNA: nome de uma antiga loja de roupas masculinas de Fortaleza, na década de 70.

Papai Noel não faz a barba,
mas trouxe Bozzano
pra suas antigas crianças.
Não pensei que fizesse tanta espuma!
Bozzanos!
Milhões de espumas!
Milanos pra você! ²
Lá fora, o inverno,
só em cartões de festa,
na verdade, existe...
Bom Jesus dos Aflitos,
neste Natal tão triste,
jamais entardecer a esperança:
onde está a minha neve de criança?

2 MILANO: nome de uma antiga loja de roupas masculinas de Fortaleza,
na década de 70.

GARATUJA

Uma coisa eu gostaria de deixar clara, amanhã. Acontece que nunca a manhã foi tão clara! Nunca amanhã! O dia nasceu do sol e, talvez, do fundo da noite, houvesse um tempo menos avaro. O futuro espera, o futuro não perde por esperar. Há um processo de composição global, que vai do infinito à raiz dos cabelos. Talvez *ceja* esta a maneira *serta* de dizer as coisas. Não sei o que, não sei de nada. Eu quero é subir a rua da ladeira e sentar na beira. Quando as noites forem frias de chuva e aqueles barquinhos de papel passarem ao largo, nas águas da sarjeta, põe uma rua por cima desta noite, põe uma noite por cima deste sonho, mesmo que seja só o tempo de dormir, sem parar, mesmo que seja só o tempo de te amar, mesmo que seja só... Mas, não adianta! No mais, no mais, as palavras não passam de pretexto. Ninguém fala das tuas roupas dependuradas no varal. Só se elas estiverem encardindo o teu corpo vivo. Tu não irás muito longe, mesmo porque a terra é pequena e os teus olhos estão próximos. Sonho-rodas-despedaçados, um capricho. A espada de Dom Quixote não quebra meus moinhos de vento a contento. Ontem fazia um mar azul de meter medo nos outros mares, que se foram. Ontem fazia um escuro de meter medo, de meter medo no olho, mas nós fomos mesmo assim. Nenhuma folha se mexia, pois o vento passa longe. Se o vento teima em soprar, pode ser perigoso. Primeiro o sopro, a inspiração, o mote, o verso, o canto. Depois eu digo, tu dirás e nos surpreenderemos conjugando verbos que julgávamos esquecidos. Infinito é o nome do verbo. Criaremos novas formas, que nos deixem perplexos, sem saber o que dissemos ou iremos dizer. A gramática persistirá, para sabermos que já não podemos voltar. Riremos das locuções pronominais recíprocas (egoístas), dos verbos intransitivos (encalhados), dos transitivos (de sentido único), dos bi-transitivos (com mão e contramão) e haveremos por bem não haver sujeito, mesmo que haja, neve, chova, amanheça, anoiteça, e nós debaixo deste haja, desta neve, desta chuva,

desta manhã, desta noite. Nós não somos, propriamente, sujeitos. Isto é mais uma certeza de nomenclatura, pois quando neva, chove, amanhece, anoitece, nós nunca somos neve, chuva, manhã, noite. Preciso passar nesta calçada onde nunca passei, antes que se quebre esta doce certeza de ser noite. Quero ficar sem planos de madrugada, para que o dia não tenha nenhuma pista, nenhum roteiro da noite que me viu passar sozinho. Enfim, só tenho restos de noite para conferir esta manhã, que me leva além das fábricas. E quando, no fim, já de saída, nos despedirmos com um aperto de mão, ecoará a lembrança de tardes modorrentas, como se o passado destruído acordasse de um longo sono. No entanto, é apenas manhã, além das fábricas. É preciso ter, há muito tempo, a certeza de noites apenas esboçadas. A vida nos túneis, o vaga-lume no telhado, perto da antena de TV, o tempo no tempo e esta imensa garatuja pra escrever nas paredes declinadas: vento, deuses, praia, musgo, lusco-fusco, luxo, repuxo, frouxo bar-raco preenhe de vento acima das nossas cabeças descontentes, o mar e o nauta, o bardo viajor, o nauta solitário viajou por águas mansas, o trevo de quatro folhas, desconexo, impresso em tipografia original, paradoxal, todos dentro longe perto e longe dentro de tudo de perto visto de longe, até que a distância nos separe.

P.S. Se você anda descalço, eu não posso cuspir no chão, mas se você amarra as minhas botas, eu andarei sete léguas!

GÁVEA

Naquele entardecer em que voltávamos dos lados do mar, as nuvens, muito escuras e compactas, pareciam uma grande serra à nossa frente. Mas nós passamos, facilmente, por esta serra de nuvens, e fomos ainda muito além. Agora, o vento ensaia uivos e assobios no casco de velhos veleiros abandonados. A carcaça dos veleiros guardou, por muito tempo, o tesouro dos piratas. Depois que de lá voltamos, nunca mais se ouviu falar naqueles simpáticos corsários que tanto nos alegravam e até nos prometiam uma participação nas moedas ou mesmo um pequeno resgate. O cesto da gávea, agora, é samburá, em toscas jangadas. Quer dizer: perdemos o mapa do tesouro. Pouco importa! Amanhã, eu lhe enviarei um pequeno presente quebrado. Não! Não é a sopeira de porcelana chinesa que a vovó ganhou da baronesa! A xícara é de Colorex e, quando se mexe o leite com uma colher apanhada ao acaso, ela tilinta como as antigas moedas dos piratas. Em seguida, bebo um champanha alvejado com Omo, envelhecido em tonéis de sequóia. As sequóias crescem e vivem para o champanha desta festa, ao por-do-sol. Mas o sol poente não queima e, para mim, tanto faz! *Ça m'est égal!* Amanhã, veremos, ao meio-dia! Você pensará, sem dúvida, que nós temos muito a nos dizer e, talvez, seja verdade. Muitas palavras nos esperam, debaixo das pedras. A estrada que passa ao lado não voltou. O riacho se perdeu. É preciso dizer qualquer coisa. Você canta fora do ritmo. Você me pára, na rua, e me pergunta as horas pra acertar o seu relógio. E daí? Eu nunca vou saber se o seu relógio é roubado! A canção que eu assobio, neste instante, não está no disco que eu vou ouvir agora. É o que se chama uma vida musicalmente desencontrada do tilintar das moedas na carcaça dos veleiros, no baú do pirata, no samburá, no cesto da gávea.

CONSTATAÇÃO

O mar há muito lá estava quando nós chegamos e, de algum modo, estamos atrasados. Só nos resta sentar na areia e a areia da praia é areia mesmo e nós somos nós mesmos e o mar. Navios despontam no outro lado da linha. O marinheiro Popeye me espinafra. O sol derrete meu sorvete, que não tem outro jeito, senão... Nossas pegadas continuam um mistério para os caramujos, que não param de furar buracos na areia, por onde o mar se enche. Vamos, então, embora desta praia, onde não há ninguém, se não fora o azul de garças que não sabem nuvens.

NADA VEZES NADA

Além do mais, há muito mais em tudo. Sorvo quimeras e impossíveis desamores. Procrastinação de um futuro presente e obsoleto. Fantasmagorias cândidas e louçãs com reflexos de abril e sol. Solar bendito dos meus idos passos, do meu céu azul de antanho, de ontem e anteontem. Sem mais nem menos, a vida começa e se desfaz, na ponta daquela nuvem. Verdades existem e já não são mais. Tomara que amanheça, que anoiteça, que amanheça, que anoiteça, como aquele pássaro indiferente, em cima do telhado, molhado de chuva e de sol, de cios e cicios de brisas e ventoinhas...

Vai longe o dia, na ponta daquela nuvem, que se condensa e evapora, se condensa e evapora, se condensa e evapora...

A noite está calma e a madrugada distante, felizmente! Infelizmente, distante do brilho imenso dos teus olhos, sem poesia que seja minha, que seja tua. Assim sem mais nem tua.

SONAMBULISMO

Busquei memórias do luar de agosto,
vaguei sozinho e perdulário
tímidos umbrais,
arcadas mil,
no castelo assombrado dos teus olhos,
e descobri, perplexo,
que a impunidade gera o amor,
na noite solitária do teu corpo.

NOSTALGIA

Saudade dos verdes campos,
das pastagens,
da vida pré-vegetal,
(aquela vida pré-)
atrasado no tempo,
escondido
no mimetismo universal...

ORTOGRAFIA

é preciso que o poema comece
sem maiúscula
não tenha vírgula
nem ponto e vírgula
e termine sem ponto
pra sempre ser um fragmento
extrato de uma essência inacabada
é preciso que o poema termine
à espera de um lento por vir

FUGA

Você sumiu de repente,
não sei por qual magia.
Quem sabe eu descobri um novo truque,
uma artimanha,
uma prestidigitação,
um desamor qualquer.
De repente, você volta,
numa neblina de almíscar,
que envolve esta discreta pantomima.
Roucos gargalos e arrufos,
pedra-pomes no lusco-fusco.
Viro saltimbanco,
faço mil gravetos, garatujas,
de medo que o rictus se mantenha
no sorriso esquecido.

CONTORNO DE SOMBRA

Multinoite versa campo versus mim.
Escuto o vento que passa no pólen das flores.
Aonde vai dar esse requintado mar de luxo?
O teu andar assintomático me despista,
fico totalmente sem guarida, sem lei,
assim total,
assintótico.
Mas, o teu andar, o teu sonar,
o teu sonhar
fazem parte, partem
do meu quadro alucinatório.
Convido-te para um breve repasto,
um pequeno chá euforizante,
que gera o conceito de Deus,
do qual nasceram meu infinito,
meu éden, meu valhala.
Odin, apreciador de néctar e de ambrosia,
grande consumidor de mescalina!
Busco a loucura real
(síndrome de reação exógena)
ou a loucura artificial,
a loucura elaborada, planejada, pesquisada,
a loucura no tubo de ensaio.
o medo de ter medo
(o medo mal sucedido)
o medo de que não venha
a bem dizer, a bem tardar,
outro messias parafrênico!

CANÇÃO COM PALAVRAS

Eu vi
que você nem viu chegar.

Eu vi
que só você viu chegar
do chão do chão,
da mão da mão,
a mão de cá.

Eu sei
que não há falta de mar,
o mar,
que, por enquanto, não há
você ali nem lá.

Meu álibi,
meu quase aqui,
o dia ali de lá.
Seu álibi,
meu quase aqui você.

Eu sei que,
por enquanto,
não haverá
falta de mar.

Eu sei que,
por encanto,
nunca haverá
você ali nem lá.

VIGÍLIA

Avisarei nas vésperas do alarme falso, antes do canto da sereia, da garoa. Esperarei nos arrecifes, bancos de coral salgados e marinhos, predestinados. De lá se sai para a grande *tournée* dos girassóis. A vida marisca. O sol dardeja. O mar poreja rápidos mergulhos de peixes fora d'água. O mar sabe tantas cantigas que é capaz de embalar o mundo inteiro. Eu daria tudo pra que esta frase fosse minha, mas o mar há muito que se foi e eu fiquei a ver aquela cortina de fumaça, que nada sabe. A janela do carro só me deixa alguns instantes de rara sombra, mas, talvez, eu me acrescento alguma idéia, antes. No entanto, hoje eu não queria dormir nem sequer queria mesmo! Vê se me avistas de cá, se me mandas de lá! Hoje, eu não queria dormir nem ruas nem vielas de tempo. O passado e o futuro. Tua imagem justaposta. Estrelas em demasia. Noite alta, em bando, nós passamos. Tudo opaco e nós passamos, nós amos, mostramos, deixamos você. Se vai quem seja, que fique quem há de ser, que seja quem há de ficar. Então, não tardo, vou também e me estico longas pernas, longas botas descontentes. Hoje, eu não queria dormir noites tardas, madrugada circundantes. O vaga-lume se foi, quieto de anoitecer fosforescente, pirilampo. Ele nunca esperou ser orvalho ao amanhecer, cigarra ao meio-dia. O orvalho cai das pétalas e mata a sede de raras minhocas desenterradas para ver a grande *tournée* dos girassóis. Hoje, eu não queria dormir, lentamente, ao meio-dia. Hoje, quem sabe, verão de terno inverno no terno teu meu terno meu de verão. Amanhã, ninguém sabe e nunca, antes, ninguém sabia nem esta simpatia errante pela noite, os duendes, os gnomos furta-cor, miméticos na fabulação compensatória. Deus meu, que terno meu digais se mais não valem lúcidos, brilhantes ecos de além-vento, do que sem por a tiracolo mais ninguém!

SIERRA MADRE

Grandes asas depenadas, atrás daquela serra...

Grandes nuvens cinzentas, impacientes de chuva, sobre a alegria invernal. Pedços verdes de serra, pedras esparsas no verde, pedços de mim deslumbrado.

As pedras são íngremes na subida. A sombra das nuvens passeia na serra e eu não tenho mais nada a dizer que não seja aquele dito esparso da sombra das nuvens passeando na serra. Não mais!

Algum tempo eu já fui vegetal, distonal, algum tempo eu queria te ver.

E onde a fonte rumoreja sua canção perdida...

E a fonte a cantar sua canção longínqua, subterrânea, do lado de dentro...

Agreste camponesa, bucólica, no mais, você tem uma vantagem imensa, nestas curvas retorcidas, pedras polidas beirando o luar. Sem demora, não é certo que eu a alcance jamais nestes caminhos! Ainda bem que aquela canção não se desgastou em você, você não se desgastou, você continua.

Os pirilampos, verdes como d'antes, sem saber nada de bioquímica ou de fosforescência. Só esta olhessência, a essência mesmo no olho de olhar tudo e tudo ver-de ou quase.

Reencontrar meu cheiro de estrume molhado, meu cheiro de mato novo...

A chuva lava meus detritos inocentes, persistentes.

A chuva tem esperanças de voltar a ser, de voltar a ser nuvem cinzenta, impaciente de chuva, sobre a alegria invernal...

Então, ninguém sabe como, de repente, nós também voltamos, brotamos timidamente e amadurecemos para sempre nesta safra multicolor!

INVERNO

A chuva cai tão leve,
quase não chega ao chão.
A chuva cai tristonha,
por ter que voltar ao chão.
De noite, acordo o sonho,
de manhã, durmo.
A chuva molha o pão,
o leite da manhã,
o jornal de ontem,
e algum sonho
porventura ainda desperto
corre da calçada
para a minha mão.

DESCULPAS

A casa inda é a mesma,
à beira-chão,
só que, agora, ao lado,
passa o mar.
Veio não sei de onde
e, embora o mar não esteja
nem mesmo no sonho,
isto bem que ajuda,
na minha certeza.
Ouvi ruídos que lá estavam,
pobres chinelos arrastando,
mas nunca ouvira aquilo, antes.
Veio não sei de onde
aquele mais ou quanto.
Nos dias quentes,
vou inventar uma fórmula pra você.
Rosa vai, rosa vem,
o dia fica mais além.
Rosa fica ou vai
ficar a tarde inteira sem ter assunto pra conversar?
O sonho é verde,
o sonho é de esgotar o cheiro, o som, a cor do verde.
Que a manhã te seja breve,
longínqua, entre pardais.
Aqui vou eu, aqui mais ou nunca eu!
Eu não espero o futuro, mas o futuro me espera.
Bolas!
Eu não escolhi a cor dos teus olhos,
não tenho culpa deste verde,
desta esperança que se vai,
daquele mais ou quanto!

VESPERAL

A chuva levou
os restos do poente
para os lados do nascente.
Fiquei mais cedo sem sol,
sem tarde afora.
Vagas estrelas molhadas
surgem, na noite que chora.
A certeza do poente
é que o sol não faz serão.
O sol não fica
nem mesmo no chão.

CONSTATAÇÃO

Nomes antigos para filhos novos, nomes novos para filhos antigos.

“Agora eu sei, sei, sei, sei, sei, agora eu sei”!

Um “causo” nunca visto, sobretudo isto, sem sinal de contra.

Tenho que espreitar à porta, quando for tempo e houver ruas estreitas.

Lá de cima, do 20º andar, a cidade parece muito certa, com suas placas luminosas, que me convidam...

O 20º andar me dá vertigem. Do 20º andar é fácil saber porque existem escadas e corrimão e elevadores que me deixam em certas ruas.

Em certas ruas, a noite escorre pelos muros e pelas paredes. Só espero que seja longa e que eu esteja bêbado de sono, ao amanhecer.

Podemos conversar sobre as perguntas, embora, até, no íntimo, já tenhamos as respostas.

Também podemos conversar sobre as respostas, porque, quando não há mais nenhuma possibilidade, é preciso conservar o mais possível a incerteza.

– Como é que você se sente?

– Eu me sinto como um queijo cheio de buracos.

– Eu me sinto como os próprios buracos do queijo.

Ante a realidade do inexprimível, prefiro a certeza do não dito.

Só espero mesmo é estar bêbado, ao amanhecer de sono.

VENTO CLARO

Quatro pedras que rolam não fazem um carro, no máximo fazem um caminho e caminhos já existem tantos, que, por serem tantos, bem merecem uma sinaleira no coração. Mas o vento gira o poste da sinaleira e o sinal já não está fechado. Eu tenho uma vontade louca de rir deste tempo de ir. Por isto, espero o sinal fechar ou o vento soprar ao contrário.

Os caminhos são muitos, as histórias, várias, mas só me ocorrem títulos. Quem dera reuni-los a ver se formam aquele quadro dito esparso de sombra. Existe uma tristeza tanta, que vem ou passa e diz, conforme a rima, que o soneto espera e escuta sempre os versos teus monótonos e cálidos, sem uma lua a mais ou a menos, sempre com você a menos. Estou prestes a confiar no tempo, manto, mato, longe, minto, positivo, negativo, a menos de um sinal, indefinido, sórdido. Vento claro, que sóis, ao meio-dia, bailar, que sóis poderiam bastar, ao meio-dia, e acontecer como nunca sói? Deus que me livre! “Sol com chuva, casamento da viúva”. O bem que me faz a chuva inesperada. Esconder-me-ei sob as águas dos teus olhos e deixarei a chuva cair, mansamente, no telhado. Talvez até haja, nisto, uma coincidência, por força de ser lógico, este sol mais ameno, este sereno, esta chuva menos molhada, esta crença no telhado (de Eternite), que não nos esconde do sol nem da lua nem do vento claro nem da chuva com sol, mas, pelo menos, ao menos, nos deixa dormir e acordar bêbados de sono! Eternite é aquela doença que não passa.

CANAL 7

Cada vez mais fazemos parte desta história,
cada vez mais somos mocinhos!
A vida está mais barata que o tempo de viver.
Sento diante da TV,
devagarinho,
baixo o volume totalmente
e procuro adivinhar
o que se passa no vídeo,
o que pensam, o que dizem,
o que pensam que dizem,
para onde vão,
o que pensam que dizem para onde vão.
Não quero virar capítulo de novela.
O que eu quero é saber
quem vou matar neste bang-bang,
quem vai me comprar no mercado de capitais.
E quando, enfim, me encontro
nesta vida tão irreal,
nem dei pela mudança de canal,
que foge ao meu controle remoto.

PASSATEMPO

O tempo é inconsequente,
passa por passar,
por falta de tempo de parar.
Eu não posso parar o tempo de passar,
eu não posso parar o tempo.
Eu tenho é que passar o tempo,
sem sua licença,
com qualquer desavença
ou mesmo um brilho frusto.
Eu também quero passar.
Na margem do igarapé,
existem caniços e vento.
Ao longo do igarapé,
sinto minhas pegadas,
minhas pegadas são meus igarapés.
As pedras não vão,
ficam ao longo do igarapé
minhas pegadas.
Há muito passa entre elas
esta canção marulha,
marota do igarapé,
uma canção sem tempo,
uma canção a pé.

LUZES DA CIDADE

As luzes da cidade
apenas significam
que, outrora, havia ruas
escuras de meter medo,
de meter medo no olho.
Hoje, eu não tenho medo da cidade
com suas luzes de neon
que me convidam.
Hoje, eu não tenho medo
da chuva, na madrugada,
nem do meu rosto, que se desenha
na luz difusa da calçada.

A ISCA

Pouco te importaria o resto, se eu pudesse te dizer que sou feliz. Ao contrário, meu silêncio te perturba e minhas palavras quase sempre são mudas. Vê lá se não me saís uma azêmola, se não me trazes um Crush! Louco desperdício desta hora serena, em que estamos mais do que sendo três horas da manhã! Hora incerta, tempo chuvoso...

Foi quando ouvi esta balada a me roçar, talvez, as temporadas: “não deixes para dizer amanhã o que não podes dizer hoje”! Rude e bela, à merencória luz dos tímpanos. Ensurdeci. E o pranto meu quedoso e triste se foi sozinho a dedilhar suaves melopéias. Pão e bolor. Levedo. Na página 850 do dicionário, leio: “porro (ô). Adj. e S. m. 1. (bot.) diz-se de um alho silvestre (*allium porrum*) cultivado como planta hortense; 2. S. m. calo que se forma no lugar de uma fratura”. Quem sabe, um verso alegre a triturar um descabefo! Enchi! O meu e o teu. Brandas auras, todos os porros, um amor tipo Technos a desfolhar ao vento os sete salmos da aleluia!

COMERCIAL

Não sei viver sem te ver,
não sei viver sem TV.
Sem TV mesmo não posso
ser para ti
o Omo Total.
Os teus cabelos brancos,
de um “branco total”,
são aquelas quantas linhas do vídeo.
E o teu corpo eletrônico,
o teu corpo quântico,
viaja e viaja e viaja,
viaja a prazo,
se veste a prazo,
se deita a prazo,
se vende à vista.
À vista eu não posso,
eu só te quero a prazo,
sem te perder de vista.
Quero um amor sem Avanço,
sem desodorante íntimo Vison.
Quero um amor tipo Technos,
o suíço mais pontual do mundo,
que saiba a hora de terminar
e me deixe ir pelo mundo,
o mundo mais pontual do mundo!

ÓPTICA

Eu tenho meus olhos
de olhar o mundo,
de ver as coisas,
de enxergar você.
Enquanto eu olhar,
registrarei
o negro, o verde,
o verde dos teus olhos,
e até mesmo a esperança.
Enquanto eu andar,
amassarei
o chão, o pão,
o pão de cada dia
e a saudade tardia.
Não sei as horas do tempo
pois não posso olhar o sol de frente.
Meus olhos chorariam
só de ver
as fortes lentes dos teus óculos,
que distorcem este possível adeus.

HISTÓRIAS DA AVÓZINHA

Como eu ia dizendo,
não me lembro...
Faz tanto tempo...
A vida apenas começava
e o tempo era um tremendo blefe.
O sonho era verde-pálido
e o sono vinha,
pé ante pé,
a meia distância da madrugada...

BOM TEMPO

O futuro não volta, mas o passado espera, a cada instante. Bem que mal avançamos, junto ao muro das casas, protegidos pela sombra das flores de algum jardim. O tempo vem da mais recente fumaça. Uma canção vem vindo, sorrateira. A verdade mora num poço e, na ponta do arco-íris, como diziam os antigos, existe um pote cheio de ouro, uma botija. Só se esqueceram de dizer em qual das pontas... Lembra-te disto, nas tuas viagens. Afinal, nada se parece com nada, exceto pela vontade de chegar...

NOTURNO

Obrigado! Você me deu a dica. Obrigado! Eu não sabia o que eu queria dizer ou, talvez, eu não queira dizer nada. Eu, certamente, terei que dizer alguma coisa. É triste dizer que não é triste dizer que você se foi. É noite, eu sei. Há muita fumaça no ar e não é noite de São João. Preste atenção, ao passar nesta calçada. Podem estar falando de um fato novo, nunca visto e você passa, assim, ao largo, prudentemente ao largo, como se não houvesse amanhã, como se não houvesse nada? Preste atenção! É apenas noite, por enquanto. As ruas estão cheias de placas luminosas acendendo e apagando. Há muito, as placas não me dizem nada. Só dizem “dobre à direita”, “dobre à esquerda”, “siga em frente”, “proibido ir em frente”. São placas inúteis de uma cidade branca, sob um sol branco. Amanhã, o sol não virá, mas eu já esperava por isto, eu juro, pela luz que me alumia! Pergunte qualquer coisa que eu respondo qualquer coisa. Não tenho papo nem saco nem asco nem jeito. Ponto inicial, vírgula final, abre parêntese para deixar passar estas palavras soltas. As palavras vão ao final da linha e voltam, mas eu saio do papel e escrevo na mesa, nas paredes e no teto a minha grandiloquência. Vou, assim, ensinar o alfabeto aos cupins, às moscas e às baratas. Não haverá mais insetos analfabetos, míseros desprezíveis. O papo é o saco, o meio é o termo. O bandido que assaltou a cidade pacata fugiu com sacolas cheias de dinheiro e não revelou o mistério do dólar furado. Não tem problema! O mapa do tesouro pode, hoje, ser encontrado em caixas de Omo (ou coisa que o valha) e nós encheremos, de novo, a cidade-fantasma com os uivos de falsos apaches imitando coiotes verdadeiros, à luz da lua, dizendo que o assalto está próximo. Porque está mesmo. Encontrar-nos-emos nos meandros do desfiladeiro, nas escarpas da encosta. A diligência não tarda. Nela vem uma formosa mulher vestida de negro. É Chapeuzinho Vermelho disfarçada de Bela Adormecida. O lobo é o cocheiro. Senta-lhe fogo! Eles estão indo procurar a avózinha para tirar as

provas e, depois, vão casar na Justiça. A justiça do Oeste é o meu *Colt* 45. Quando ele caiu crivado de balas, seu sangue aguçado deu as tintas pro poente. Fez-se noite. Passamos um frio danado em Sierra Madre. Antes que o dia raiasse, as estrelas foram embora. Ao chegar em New City, o xerife me deu sua estrela e fez-se noite para sempre no meu peito...

Vê como é simples? O faroeste revivido, o duelo no *saloon*, a cavalgada no *Grand Canyon*, os índios coitados morrendo de risos de riscos matando poucos morrendo muitos o cacique Alce Ligeiro com seu grande cocar de penas coloridas comandando os guerreiros do sol nascente!

Quando a sombra das casas tiver se deslocado, e nós já não contamos os dias por sóis, por luas, já não esperamos o sinal de fumaça dos índios, então poderemos fumar o cachimbo da paz... Agora, me farei ao largo, porque Barba Negra, o pirata, já não assalta as tímidas galeras. Vogando à flor das águas... Vogando... A brisa é doce... Repousarei, ao sabor das águas... Dormirei... Porque, não esqueci, é apenas noite... Por enquanto...

REVELAÇÃO

Eu poderia encher este tempo
com algum disco,
algum papo, algum brinquedo.
Eu poderia esquecer este papo,
com muito jeito,
muita questão de não fazer questão.
Eu poderia encher o teu saco
e até dizer que te amo.
Mas vou esperar a próxima noite de lua
e, quando tudo for claro,
vou te amar em segredo.

ACALANTO

Por uma janela entreaberta, qualquer descuido de fresta, a gente respira a noite. A luz branca do neon não tem ciúmes da aurora e se apagará, uma vez amanhecer.

O vento não vai a nenhum lugar. O vento, em calmos tempos de teto de zinco, sopra uma banda de lua ou outra, sem pretensão mesmo de estar mais que a alguns palmos acima do chão do meu sono.

O tempo de dormir é um vago bocejo, na noite que se encolhe. Eternit é a sua marca declarada, como se fosse uma doença que não passa. A noite que acalenta nosso sonho não enxuga nossas fraldas.

Foi assim que adormeci e toda noite que se preza tem cachorros, gatos e galos cantando, ao amanhecer... Barulho de guitarras entremeado... Se a guitarra se quebrar no quente, vai ser preciso atrasar o sol nascente.

Pensei, então, em não pensar em nada, pra não ter que levantar no escuro e anotar estas idéias, a medo. Deixei tudo pendurado nas vigas do teto. Acordarei de olho numa réstia.

– Oi, *brothers*, rijas tacadas praça afora, esculápio das sinas, boticário dos sonhos e antolhos. Alguém me acordou neste sono. Quem me nasceu?

Mas tu, quando vieres voltando das procelas em que te fizeste ao largo, não esqueças: o navio é o naufrago, debaixo das águas, milhões de peixes contemplam esta manhã!

BARCAROLA

Agora, vou de meu muito à vontade,
em som de mar,
em som de teu...
O mar cresce n'algum ponto
e nunca é doce
morrer no mar nunca mais!
Longe saudades do passado,
re-sentimentos do passado,
este passado
re-sentido e meu...
Noite desembocando
na solidude vegetal...
Agora, vou de meu muito à vontade,
na poeira astral...

ROMEU E JULIETA

*“Salve, rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança
nossa, salve! A vós bradamos, os degredados, filhos de Eva.
E, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus.”*

(de uma oração da Igreja Católica)

Sê agradecido,
a lei que te condena à morte
primeiro te exila!
Romeu e Julieta,
amai por nós!
Montecchios e Capuletos,
príncipes e amuletos,
mais além vos espero!
Depois deste veneno de um dia,
acordarei numa manhã de festa.
Vai, Romeu, se queres viver,
vai sonhar no bosque de sicômoros.
Vai, Romeu,
a cotovia canta,
o rouxinol se cala,
nunca a manhã foi tão clara.
Há muito, é preciso ter
a certeza de noites apenas esboçadas.
Vai, Romeu, se queres viver.
Sê agradecido:
a lei que te condena à morte
primeiro te exila...

ALEGORIA

Mal podemos acreditar naquelas histórias maravilhosas que nos contavam. Lembramos delas com satisfação e rimos o riso amargo dos vencidos. Já entramos na região de sombra. Um atalho se desenha na paisagem verde dispersa, mas ainda não sabemos onde fica a saída. O canto dos pássaros nos atinge e nenhum pássaro específico nos impressiona, todos mudos na visão nostálgica do verde. A chuva cai como uma estranha necessidade de te lembrar. Os duendes foram morar na concha furta-cor de um caracol. Até aqui vim eu. Aqui a letra começa a mudar e o instante é demais. Até aqui vim eu, sem ter coragem de ir para onde não devo e devassar os mistérios desta noite, tão sem mistérios esta noite, pobrezinha desta noite. Talvez seja melhor ir contar as formigas que passeiam na parede ou as moscas ainda acordadas a esta hora ou investigar, cuidadosamente, o caminho dos cupins. Os cupins surgem do fundo da terra, onde moram os gnomos, os duendes e os elfos. Eles guardam a verdade que a história não conta. Até que nós vamos ficando leves, muito leves, como os silfos... etéreos... na crista da onda, sem vontade de voar...

TAUTOLOGIA

Enquanto vivermos, estaremos vivos, a vida toda. É preciso fazer do instante cruel, presente ou passado, uma defesa contra o impossível, sinal de que o impossível existe e nos acontecerá, mais dia menos dia. Vamos lá pra ver! Amanhã, saberemos toda a verdade sobre o verdadeiro método de emagrecer (ou de engordar), toda a verdade sobre a verdade sobre o câncer. Vamos lá pra ver! Você chora porque não ri ou ri porque não chora, ou ambos? Ou isto não interessa e o que interessa está perto demais? Hoje é quinta-feira e eu ainda não sei o bicho que deu, mas sei o bode que deu!

POEMA INEXISTENTE

Agora, não existe
lugar para você,
no meu poema,
por falta de rima...
Não que eu a esqueça,
até pelo contrário,
por falta de lógica...
E até que me convém
esta ausência de poesia,
depois da noite obscura,
em que nos separamos.
Mas, por causa das lembranças,
que deixei,
livremente,
rolar pela memória,
ainda não posso ainda dizer
free again!
Só me restou esta rima ridícula,
sem nenhum lamento,
que, talvez, até seja
(como direi?)
a medida exata do sentimento.

POEMA FIM DE TARDE, FIM DE LINHA, FIM DE QUALQUER COISA

Agora, começamos a percorrer
o longo caminho de volta.
Nós somos os sem Deus,
a quem, graças a Deus,
já pedimos tudo o que era possível,
o resto não interessa mais.
Nós somos os repatriados,
de quem ouvimos falar nos livros,
que já vimos tanto no cinema,
caminhando em longas filas.
Nós também vamos caminhando,
com os pés cansados e os olhos distantes.
Não aceitamos esmolas,
qualquer coisa seria demais para a nossa fome,
pois estamos voltando.
Tudo vai ser como antes
e só pensamos como era antes.
Há os que dizem que é cedo,
e zombam de nós
e ficam pelas esquinas, olhando a paisagem.
Nós, porém, temos pressa.
Vamos voltando sob um céu tão pobre,
que até se contam as estrelas.
À noite que chega não se reconhece.
O vento frio não nos incomoda,
só incomoda nossos agasalhos,
que precisamos ajeitar,
a cada instante.
Não temos compromisso com o frio,
nem com o vento,
nem com o tempo,
nem com o humor do tempo,

que teima em mudar.
Nosso compromisso
é com o que ficou,
talvez, de manhã,
na manhã de um dia qualquer,
que não seja amanhã.
Queremos algo como uma data
serena e acontecida,
alguma coisa vivida,
não as horas que estão por vir,
que já chegarão mortas.
Por isso é que voltamos,
testemunhas únicas de nossa presença,
única tendência aceita e não discutida,
certa como o cansaço,
que não é do dia,
segura como o instante em que nos encontraremos,
apesar dos múltiplos caminhos,
um momento de todos para cada um,
pois estamos voltando.

SENTIMENTO

(BIC POEM)

Gosto de me sentir vivo,
de ver a vida se depositando,
como a tinta da caneta,
no traço repetido do poema,
misterioso como as palavras,
que eu não sei de onde vieram...

PESQUISA

Desci para sondar as possibilidades de chuva. Desci do meu alto andar de vista curta e horizonte inexistente. Desci assim, assim assim, com a mão na testa, cobrindo os olhos do sol, como quem olha pra longe, querendo ver muito perto. Assim assim, como quem põe a mão na testa e sabe onde tem a testa e tem a mão e, um pouco abaixo, tem os olhos. Assim. O que eu queria dizer hoje é muito pouco, é muito rouco. Por que eu tinha de te encontrar e te amar e te esquecer, como hoje, em que te esqueci completamente? Se eu soubesse como era fácil te esquecer, aí, sim, eu teria querido, um dia, te encontrar e te amar e, enfim, te esquecer. Mas não era assim tão fácil e esta aparente queixa não tem nenhum sentido, nenhuma ressonância, não corresponde a nenhum sentimento presente ou passado. Apenas existe, vazia, vaziamente inexistente...

Hoje, procuro, em vão, uma maneira de te fazer sofrer. Por nada, só por capricho, sem nenhum objetivo, assim como desci para sondar as possibilidades de chuva, assim como procuro, em vão, uma maneira de te fazer chover. Mas as nuvens estão altas e o céu muito claro, não há nenhuma comparação, nenhuma possibilidade. Só isto: as nuvens altas e o céu muito claro. Não há sonhos nem saudade nem mágoas nem ressentimento. Apenas este sol, que não tem nada a ver comigo, e também não há nenhuma possibilidade entre mim e esta manhã muito clara. Ela somente está aí, no meio das coisas, como eu estou no meio das coisas, como não estás no meio das coisas. Apenasmente.

P.S. Voltei ao meu alto andar de vista curta e horizonte inexistente. Lá embaixo, agora, a chuva cai, como uma estranha necessidade de te lembrar...

CONSTATAÇÃO

Devendo amar por acaso,
amei-te muito ao meu gosto,
num sentido oposto,
de caminho escasso.

Ainda que muito alheio,
não sei se tido ou se posto,
na verdade, a contragosto,
tudo desejo e receio.

O que penso e me pergunto,
é o presente do teu rosto,
mas tudo aparece exposto,
no silêncio que vem junto.

PESADELO

Eu tenho muito,
muito medo,
muito medo de você.
Você é o meu fantasma predileto,
o meu espectro familiar,
que me apavora no sono
e de quem rio ao despertar.
Eu vivo por você num sonho antigo,
um sonho de antanho,
maluco, extemporâneo,
um sonho que nem é mais sonho,
pois é quase de manhã.
Da noite alta, que se desfez,
surgem palavras bêbadas,
tontas de sono,
pronunciadas a medo,
entre dentes, entrementes,
ecoando pela casa,
junto aos passos do sonâmbulo.
Surgem de abismos profundos,
mas os abismos do sono
têm a altura da cama,
felizmente!
E, uma a uma, se recompõem
velhas histórias mal contadas,
bueñas-dichas, vagos presságios,
frágeis linhas mal traçadas
da minha mão e da sua,
entrelaçadas e entrelaçadas...

ITINERÁRIO

O outro lado da cidade
é o outro lado do ônibus,
onde, às vezes, me sento,
para variar.
Eu sempre viajo do lado oposto,
do lado do mar,
e até esqueço o desenho sinistro em que se misturam os altos
edifícios
com suas grandes antenas embandeiradas.
Mas o lado do mar já me cansa,
com suas rotas invisíveis de gaivotas,
sulcos suaves de regatas,
na grande baía adormecida,
enquanto eu tenho que estar desperto
e demandar grandes caminhos.
É um grande mar cansado,
sem uivos e sem lamentos,
cheio do silêncio do tempo,
é um grande mar cinzento e noturno.
Muitas pessoas felizes
salpicam, ao longe, a areia,
muito felizes, muito contentes
pois o grande mar silente
já não vem lhes cobrar, à porta,
a costumeira presença,
já não enche de bramidos
o seu sono vazio.
E eu, que não sou de terra e sou de mar,
já me pergunto, surpreso,
o que haverá
do outro lado do ônibus,
do outro lado da cidade,
do outro lado do desenho sinistro em que se misturam os
altos edifícios...

POEMA CONTÁBIL

Com você estou
sempre em déficit,
um beijo a menos
desequilibrando,
cada vez mais,
minha conta-corrente.
O meu amor,
de so-menos importância,
não creditada,
desacreditado,
pois você me esqueceu.

STUDIO 2 (DESPEDIDA)

Eu não devia
partir assim,
sem mais nem menos,
da noite pro dia,
sem levar as pessoas,
ao menos em fotografia...
Depois de fixar os rostos,
no momento exato
do sorriso ao acaso,
eu poderia sair,
de mansinho,
como quem descobriu uma grande verdade,
e até mesmo, em meu caminho,
contar sábias histórias...
Era uma vez...
Formávamos um quadro vivo,
sentados por sobre a relva,
naquela paisagem bucólica,
contando histórias conhecidas,
casos e coisas familiares.
Mas éramos ali tão estranhos,
contando histórias conhecidas,
casos e coisas familiares,
sentados por sobre a relva,
naquela paisagem bucólica...
E as picadas dos mosquitos,
silenciosamente, destruíam
nosso vago sentido de ecologia.

ÚLTIMA LIÇÃO DO ANO, À MODA DE UM DEVER DE CLASSE

Leitura de mim para mim do que eu não disse, mas percebo, porque eu não me engano, me vejo, me vejo de soslaio, sou da minha própria laia. Não quero voar. Rastejo meu alto horizonte indefinido, verde bruma se perdendo no desequilíbrio das coisas que não ficam. Passo. Passa lento o meu descompasso, a minha bebice, a minha mesmice. Se palavras pudessem florescer, eu não as escreveria, deixaria que morressem à míngua de sereno e orvalho, não as colocaria diante dos teus olhos muito claros, que não querem ver. Assim como os meus, que, aliás, vêem tudo. E também posso chorar. E ver e chorar. Eu sei, não me digas, não me digas nada e, pra mim, já chega! Quero voar! No fim do ano, me safo, me safro, me inspiro, sou a minha própria safra! Produto de um arco de 365 graus, girando, arcaico, saindo pela tangente. Repetido, me concentro concêntrico na minha viração, mas, amanhã, dizem, é um novo ano. O mesmo ano novo. No fim do ano, tenho que escrever alguma coisa, o que vier à cabeça, como nos velhos tempos. Sacudo meu pó, minha poeira de estrelas, minha poesia atrasada de espaço-versos. Viajei de meteorito, não sei se cheguei em hora de desaponto ou desatempo. É que eu sou mesmo assim tão sem poesia, como a poesia dos teus olhos vistos sem mais... No espaço sem fim, hadeus! O espaço de mim sou eu, restos de mim com um pouco de teu. E aí, Baby, o teu espaço se alarga múltiplo em tardes alvacentas de delírio unânime. É quando. Não seja quanto a dimensão. Não seja caso, descaso, disquanto, choro caído, não seja em vão, a poesia do teu espaço mesmo no chão. Por que te queixas de não saber nada? Eu sei de tudo quanto vou ficar sabendo.. Sou mais as tuas madeixas, as gueixas. Rimos a noite toda desta rima rasteira, sem eira nem beira. Eu tenho restos de sol, a madrugada faz planos. Eu, réstias. Todo dia quer uma noite pra se distrair e há noite todo dia. Que maravilha!

Ando de pernas de pau madrugadas intercaladas. O vento faz um estardalhaço, logo o vento, este palhaço. O vento não tem segredos. O vento ventríloquo sopra em toda parte. O vento amalucado mete por baixo da porta a poeira de ontem, o jornal de amanhã, o pão da tarde. Já cuidei da manchete de ontem, desta notícia que não se ajusta. Lembranças de polvos misturados com mar. E já não sei escrever um poema com jeito de te agradar. O mar há muito lá estava quando nós chegamos e, de algum modo, estamos atrasados... O tempo des-futura... Só nos resta sentar na areia, e a areia da praia é areia mesmo e nós somos nós mesmos e o mar... Navios apontam do outro lado da linha. O marinheiro Popeye me espinafra. O sol derrete todos os sorvetes e não nos resta senão... Nossas pegadas permanecem um mistério para os caramujos, que continuam furando buracos na areia. Deus te salve, brioso barco, das águas da ressaca, do plenilúnio, dos vasos de guerra, conchas marinhas, caramujos furando buracos na areia, por onde a vida, se mar, se isca, por onde a vida se enche.

SINOPSE

Recapitulando, sem dar tempo ao tempo, sem deixar o dito pelo não dito. Nós somos cômicos antes da tragédia e trágicos depois da comédia. Tomamos o antídoto antes do veneno. Engolimos o dinheiro junto com a cachaça ou saímos sem pagar a conta. Somos extemporâneos, desatentos ao tempo, ao lusco-fusco, ao fluxo e refluxo, ao descompasso das marés. O mal do século nos atinge e nos tornamos perigosamente óbvios. Tente pensar o óbvio, o ínvio, o que há de vir. Coma o pão, o pão ázimo do banquete de cada dia. Pão ácido, pão duro, dormido, de um dia pro outro, quebrando os dentes e não temos palitos. Quem nos dará palitos como antigamente? Dá Deus dentes a quem não tem nozes. Ou seria o contrário? Faz alguma diferença? Três vezes antes nozes fora nada. Nada! Assim está melhor! Vão-se os dedos e fiquem os anéis! Para que queremos dedos se não temos palitos? Já das nozes, nem é bom falar. Não falemos de nós, da nossa falência e da nossa falência!

MAR OBSOLETO

“Foi desde sempre o mar e multidões passadas me empurravam, como a barco esquecido”.

Cecília Meireles – Mar Absoluto

Diante deste mar revolto,
que, outrora, simbolizou
a esperança de um tempo,
estou sozinho e calmo.
Agora, já não penso,
sou apenas memória,
lembrança de outros caminhos,
que se perderam
no próprio caminho do vento.
Tento, em vão, recompô-los
e presto atenção às ondas,
se quebrando nos rochedos,
trazendo conchas e búzios,
respostas mudas do mar.
O pensamento é como a água-viva,
atirada na areia,
misteriosa e sedutora.
Quem ousaria romper
o seu invólucro transparente
e suportar a ardente ferida,
por puro descaso?
Não! Deixa-o dormir,
longe da praia,
numa profundidade de algas,
num emaranhado de algas,
numa discreta espessura e consistência de algas...
Deixa-o dormir!
Agora, sou apenas memória.

INSÔNIA

A verdade de tudo quanto se diz ou se pensa não quero achar. É progressivo e firme, em mim e em ti, o esquecimento, semente de tudo que não se desejava plantar. Agora, nós, separados de nós, depois e muito além de nós. O que restou (ou poderia ter restado) do passado nos devolve assim intactos, sem nenhum presságio. Existem as palavras proibidas (ou inoportunas) e as que, simplesmente, não ousamos dizer, pois só poderiam gerar idéias frágeis e, assim, sucumbem sob o peso do seu exíguo tormento. Não caberia relatar numa só página o que já coube, por inteiro, no coração, nem desvendar possíveis desavenças, nem libertar antigas tramas do seu liame forte de prender, de enredar. E quanto mais me enredo, menos penso, menos amo, mais sou minha sombra oculta, meu segundo lugar. Há muito o que sonhar e o que falta é um motivo sóbrio, que ocorra na mesma forma em que me movimento e que dirige o meu próprio pensar. Adiante jamais é um passo em vão, mas, sim, necessário à existência de quedas e tropeços, que tornam trêmulo o plano dos olhos e o horizonte do que se tem em vista. Muito tenho eu em vista e muito a te dizer, de maneira que vás surgindo, lentamente, no vazio deixado pelas palavras ao meu redor, assumindo formas que eu nem imagino, formas da mais verdadeira loucura.

NOTURNO

Eu não seria capaz de entender o que existe por trás de uma fotografia, agora. É meia-noite de um quarto onde existem lençóis e cama. Nem isto eu consigo entender. O que me resta agora é assim como a areia que não passou na ampulheta do tempo. Isto bem que podia ser o início de um poema e a areia que não passou na ampulheta do tempo é uma areia cheia de mar. Isto eu consigo entender. Acho muito bom ficar escrevendo, quando estou sem sono, buscando palavras poéticas, como ampulheta, monjolo, musgo, líquen, lusco-fusco e outras, de que não lembro, mas sei que lembrarei, um dia. Esta é a única verdade que me interessa, agora. Esta é a única maneira de dar tempo ao tempo, antes do sono, antes do pesadelo e do falar sozinho. Este é, talvez, o único caminho.

TRANSPOSIÇÃO

Eu não sou flor que se cheire
e nada precisa estar tudo oquêi.
Apareci, por acaso, no meu pomar,
quando vieram colher as amoras,
e as amoras eram vermelhas
como as uvas da fábula.
Com certeza, lendo isto,
haverá quem pense
que eu não conheço a verdade
das fábulas e historietas.
Talvez pensem que eu não sei
que as uvas eram azuis,
verde era a raposa
e, de verdadeiro mesmo,
só havia o travo nos dentes.

MEDO DOS PALHAÇOS

*Para meu pai, que me ensinou estes versinhos de um palhaço
de um circo anônimo, andando em pernas-de-pau pela cidade,
anunciando a partida do circo e convidando o povo para o
último espetáculo:*

*"Vou-me embora, vou-me embora,
segunda-feira que vem.*

*Quem não me conhece chora,
o que dirá quem me quer bem!"*

Ah! Os palhaços!
Há quanto tempo eu ria dos palhaços!
Ha! Ha! Ha!
Hoje, eu não rio, tenho medo.
A lona do circo
não foi o bastante
pra esconder tudo
do luar de fora,
que punha frio em tudo
e saudade em tudo,
na cartola dos coelhos e dos mágicos,
na poeira dos saltimbancos,
estrada afora...
Lembranças me fazem rir.
Ha! Ha! Ha!
Lembrança dos palhaços,
medo do riso,
medo do que passou,
só porque passou.
A vida, no entanto,
não vai depressa nem devagar,
a vida apenas passa
e, a bem dizer,
eu já nem sei se vivo

ou apenas represento
uma antiga farsa
de conhecido cenário
e conhecido sentimento.
“A vida não vai depressa
nem devagar,
apenas passa”.
Só por prazer eu tomaria
esta idéia como um fio,
só por prazer eu faria,
desta idéia, meu refúgio,
meu receio.
Medo dos palhaços,
ha! ha! ha!
Palhaços me fazem rir.
Meu refúgio, meu receio..
Palavras, ah!
apenas palavras,
palavras me fazem rir.
Ha! Ha! Ha!

VIAGEM

Meu sonho é grande,
mas viaja lento,
anda pelas nuvens,
amanhece cedo,
fica sobre as luzes,
acordando o tempo
e, talvez, quimeras.
E, talvez, quiseras
saber o meu sonho,
que é verdadeiro,
que é derradeiro.
E, talvez, quiseras...

NÁUTICA

I – A ESPERA

À beira do cais deserto,
o barco ancorado sonha com procelas...
E eu, que cheguei há pouco,
vindo de dentro de um sonho impossível,
que sonho eu?
Dize-me, barco, o teu segredo,
parado nesta ponta de espera,
nesta beira de cais:
– “É sempre a mesma a distância
da praia à linha do horizonte”.
Mas eu, que venho de ruas estreitas,
sempre me perco...
Vagos murmúrios marinhos me acompanham,
barcos invisíveis vêm à tona,
cheios de peixes voadores.

II – A PARTIDA

O que farei dos sonhos perdidos,
fugidos, desmastreados,
vogando à deriva,
sobre um mar qualquer?
Farei velas enfunadas
para uma ilusão mal curada,
alguma navegação tardia,
e sairei em busca de portos inseguros,
açoiados de vento,
povoados pela alma de antigos descobridores,
velhos piratas sem bússola e sem tesouro.

III – O REENCONTRO

Quebrando na praia, as ondas
apagam o sulco deixado
pelos barcos que se foram,
e que poderia servir de pista
para irmos em seu encalço.
Quebrando, assim, ao acaso,
displicentemente,
as ondas desfazem este pequeno equívoco,
apagam a última possibilidade.
É que o mar não tem caminhos, meu amor,
e os mares para onde hoje partimos
ainda são nunca d'antes navegados,
para nós,
pouco versados na posição das estrelas,
pouco afeitos ao solstício,
aos eclipses e ao plenilúnio.
Pouco importa!
Velejarei num mar de versos,
onde me reconheço,
onde o campo é minado
e cada palavra sabe a sua cicatriz.

PASTORAL

O bicho-homem,
quando era bicho-do-mato,
era de vento em folhas,
balançar de galhos,
estalidos secos
de cobras e lagartos
se mexendo na ramagem.
Murmúrio d'água,
cricri de grilos,
pios e trinados.
Ia de vento em folha
o bicho-homem,
quando era bicho-do-mato!
Quantos grilos conta, hoje,
o bicho-homem,
quantas cobras e lagartos!
Há muitos sons e ruídos,
ecoando em silêncio,
no espaço das lembranças
do bicho-homem.

DEFINIÇÃO

Sou múltiplo,
sou vário,
multímodo,
multifário,
vário e vago.
Mas morrerei um só
e comigo morrerá,
de uma vez,
tudo o que fui
em todos os momentos.

SUGESTÃO

*Para a turma de Ondina: Marília, Alcina,
Conrado, Jordani e Morlúvia (1977)*

De vez em quando,
devia haver,
(pra gente se ver
ou pra gente se reaver),
um tempo, dizia eu,
devia haver,
em que ficar bêbado
fosse permitido,
fosse engraçado
ou apenas divertido,
como no passado.
Ao som de músicas
quase sempre alegres,
muitas vezes doces
e até mesmo tristes,
atravessamos inteiras madrugadas.
E os vapores leves,
os vapores vários,
no final de tudo,
no final de contas,
nos deixavam tontos,
nos deixavam todos
com auréolas de santos.

GÊNESIS

No princípio era o Verbo (João, 1;1).

E Deus,
por ter inventado o mundo
antes de todo mundo,
quanto deixou de aprender...
Escrever, rabiscar, desenhar,
escrever ao acaso, desdenhar...
Adivinhar, garatujar...
No princípio era o verbo...
De repente, as palavras se encontram
ao redor do vazio deixado pelas próprias palavras...
Escrevinhar, rabiscar,
tornar mesmo adivinháveis as garatujas,
as burundangas, as mixórdias e as algaravias...
Pensar ao léu,
penetrar nos mistérios,
desvendar...

imo ímã hímen mãe serpente cobra boa hímen ímã irmã
mãe serpente naja boa ih mamãe não haja mãis serpente boa
no imo húmus úmido do paraíso para isso estamos aqui mes-
mo serpente ando por nada por isto tudo e aquil'outro 'sta-
mos estáticos sintáticos sintagmáticos enigmáticos como ex-
-finges que te devoras ou me decifro por dez cifras te devoro
me desdenho para isto mesmo aqui estamos desvendando os
sonhos do outro lado do léu do outro lado do istmo.

CONSTATAÇÃO

O que me resta agora
é assim como a areia
que não passou na ampulheta do tempo.
O meu tempo é um tempo antigo,
é um tempo silencioso,
como se fosse o tempo dentro do tempo.
Não é um tempo certo,
como o tempo dos relógios,
com seus mecanismos e engrenagens,
que soaram tantos alarmes,
tantas campainhas,
fizeram uníssonos com os sinos,
com as rezas e as ladainhas
e me acordaram de balde
em tantas madrugadas.

DITIRAMBO

Um livro,
um filho,
um idílio,
uma árvore genealógica!

Um deus
um fruto
uma flora
uma fauna arqueológica!

Um filho,
um deus
uma ninfa,
uma santíssima trindade!

Um livro,
um deus,
uma hera
uma folha paradisíaca!

ALELUIA

*E tendo atirado as moedas de prata para o templo, retirou-se
e foi pendurar-se de um laço.*

(Mateus, 27:5)

O judas mambembe,
(enforcado de véspera
sem conhecimento),
balança assim esquisito,
com a cabeça pendida,
livre de julgamento
e, ao mesmo tempo, roubado
do seu próprio espetáculo.
Agora, vai servir de Cristo,
(reverso da história)
pra mesma turba inquieta,
que, entre uivos e impropérios,
ouvirá o seu testamento
cantado em prosa e em verso!
Admiro-te, assim de repente,
Judas satânico,
Judas messiânico,
Judas profético!
Amo-te assim, de repente
explodindo em pedaços,
espalhando mil cores,
fazendo a festa,
Judas sofisticado,
Judas moderno,
Judas pirotécnico!

ALQUIMIA

De vez em quando,
serei tão diferente
e pensarás que sou o mesmo
que já viste nos sonhos.
Na verdade,
no mais das vezes,
serei tão semelhante,
mas não perceberás
como sou diferente
do que não viste nos sonhos.

CARROSSEL

A vontade de cair de um edifício
é apenas uma lembrança antiga,
uma lembrança do tempo das valsas.

O corpo gira, rodopia
e se afasta da mente,
tão leve como uma pena,
mais gracioso que uma falena.

A vontade de cair de um edifício
é apenas uma pirueta,
uma diabrura a mais
nas travessuras do tempo,
uma mudança de ritmo,
dentro da mesma cadência.

A vontade de cair de um edifício
é apenas onipotência.

CANÇÃO COM PALAVRAS

Penas na cama
são os sonhos breves,
como leves plumas,
querendo voar.
Apenas leves
são os sonhos,
pois o corpo pesa,
pedra no leito,
buscando um caminho,
pensando encontrar.
E tanto mais pesa
quanto mais há sonhos,
daqui e dali,
tanto mais leves
quanto mais é breve
o tempo de dormir.

FONÉTICA

ruído

urro

rugido

bramido

frêmito

vagido

sussurro

ronronar...

tudo isto é o erre,

que tem, no fim,

o mar.

PONTUAÇÃO

Estava escuro onde eu estava,
dentro do livro,
na página 89.
E estava escrito
que eu precisava apenas
virar a página
porque, do outro lado,
com certeza, haveria
uma pista pelo menos falsa,
para sair de dentro do livro,
de dentro da página.
E eu, que tenho (ou tinha)
o tempo dentro de mim,
um tempo que já nem é tempo,
um tempo de pele e osso,
eu quis saber o que havia
e me perdi,
ao passar da página.
Perdi meu item,
meu ponto,
meu ponto e vírgula,
perdi meu til, meu cedilha,
meu traço de união,
meus parênteses,
minhas reticências
e meu ponto de exclamação.
Você sabe a minha página?
Você sabe a minha alínea?
Então fico mesmo sem linha,
perco as estribeiras,
fico fora desta história,
desta rima rasteira,
sem eira nem beira.
Mas, não se preocupe,

eu vou passar tudo a limpo,
sem emenda e sem rasura,
em homenagem ao seu novo cheiro,
este cheiro de papel novo,
seu cheiro desconhecido.

MÁSCARA

*Poema sobre um quadro do artista plástico Valdir Rocha
intitulado FUI EU³*

Da minha boca não esperem
nenhum canto,
nem dos meus olhos,
pranto.
Vãos apelos não escuto.
Palavras?
Só as de olvido.
Empedernido,
só o silêncio,
na verdade, escruto.

3 ROCHA, Valdir, FUI EU. Disponível em <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/feito111.html>>. Acesso em 25/06/15.

S O S

Atenção!
Há tensão,
muita tensão no que faço,
me recomponho,
me descomponho,
me descomponho,
me descomponho.
Atenção,
muita atenção ao que faço!
Se não puxo o fio certo,
aperto ainda mais o laço.
Do labirinto em que estou,
não sei o menor pedaço,
meu Deus, meu Deus,
que fracasso!
Dos cigarros que comprei,
inda resta meio maço,
pra chegar ao fim da linha
tenho que apertar o passo.
Meu Deus, meu Deus,
o que faço?

A ESPERTEZA DE ULISSES

Enquanto vogas ao largo,
não é muito o que me deixas:
velhas canções de sereia
desenhadas na areia
(quase sempre sem resposta),
sem mais encalhes na costa.
O pescador que se preza
também canta suas endechas,
também faz redes de rezas
e até milagres de peixes!

TOCATA

Há pouco, reencontrei
minhas antigas palavras.
Muitas me pareceram amorfas,
outras estapafúrdias
e outras mais parecem sinos,
que, amiúde, bimbam
por coisas de vida e morte.
Entrei, então, num acordo
com minhas antigas palavras:
acompanho-as de alaúde,
faço cantos e contracantos
e, se preciso, até vou
atrás do seu ataúde.

O REI MIDAS

Caro poeta,
ainda que, num sussurro,
venhas, um dia, a confiar
às profundezas da terra
o teu mais lindo poema,
alguns caniços ao vento
sempre haverão de clamar:
– “O poeta tem orelhas de burro,
orelhas de burro.
Burro! burro! burro!”

POEMÍNIMOS

O RELICÁRIO

(Para Mári, minha filha)

Os peixinhos no aquário,
com seus olhos de nácar,
finas jóias de antiquário.

TEOGONIA

Não foi um deus quem me fez,
sou eu que o faço existir,
na minha desfaçatez.

AS VÁRIAS FACES DE JAVÉ

Nunca vi nem verei
nenhuma de tuas faces.
Abençoado sejas!

MOTUS I

Os dias velozes,
as noites fugidias
não me preocupam,
propriamente,
nem me interessa saber
quem os fez, exatamente.
Mas uma coisa me intriga
enormemente
(aos sábados,
freqüentemente):
quem inventou a carapaça dos cágados?

MITOLOGIA

Nós não inventamos
nem as Górgonas
e nem as gárgulas,
nem o medo
e nem a Medusa.
Nós não inventamos nada.

NOTURNO (I)

No mais,
tomar de empréstimo
um gosto
na boca da noite.
O resto é desassossego...

NOTURNO (II)

Os cães ladram,
a noite vai passando
e o sol pega a todos desprevenidos,
vagueando, sonolentos,
sob a caravana das estrelas.

PEQUENA ESPERTEZA TRANSITÓRIA

Fume o bem sem dar a ninguém,
faça o cigarro sem olhar a quem.

QUEIXA

Se, ao menos, a gente morresse
e soubesse que estava morto,
a gente morria de vez,
só de saber que assim estava,
para sempre estava.

NOITES DO CASTELO

Oh! Meu Deus! Eu poderia ficar confinado numa casca de noz e, mesmo assim, considerar-me-ia rei do espaço infinito, não fossem os maus sonhos que tenho!

(Shakespeare, Hamlet, Ato Segundo, Cena II)

Quem é que passa,
com andar de vento,
pelas ameias do castelo,
a perturbar o sono dos vigias?
Quem é que cinge a espada
e de elmo e couraça se atavia,
a despertar a sede de batalhas?

Tudo é silêncio e, no entanto,
o inimigo é mais que o pensamento
e seus desvãos.
Lá longe, muito além da bruma,
que encobre a cidadela,
hordas invisíveis se acantonam,
cheias de estranha vilania.

E o vento traz tristes cantigas,
que se espalham pelos campos,
assustando o pegureiro e sua grei:
– Em Roncesvalles,
ao por-do-sol,
guerreiros aos milhares,
muitos guerreiros de escol,
passados ao fio da espada!
E ninguém avisa ao nosso rei?

Dentro da noite escura,
o castelo é sua própria sombra,
sobre si mesmo escorrendo,
como de um grande almofariz,
mas é possível enxergar,
no silêncio, cada contorno seu,
pois há brilhos fugitivos, ardendo
como fragmentos de sol.

E o vento traz lúgubres cantigas,
que atravessam os campos,
assustando o pegureiro e sua grei:
– Em Roncesvalles,
ao por-do-sol,
guerreiros aos milhares,
muitos guerreiros de escol,
(Rolando exangue)
passados ao fio da espada,
o riacho virou sangue!
E ninguém avisa ao nosso rei?

Solitários como um osso,
os monstros dormem no fosso,
mas, de suas fauces, escorrem
estas águas negras, enormes,
que, ao redor do castelo, correm
como em torno a um velho cais...

E o vento já não traz canções antigas...
Livre da sombra da visão,
o castelo é, agora,
só uma memória pobre
da névoa que a idéia encobre.
Soa, enfim, a corneta.
Chamem os arqueiros!
Baixem a ponte levadiça!
Os mensageiros vêm vindo,

em palafréns de sonho.
Acordem o rei,
cúmplice dos seus desvarios
acordem o rei,
mas, antes de tudo,
acordem os monstros do fosso!

IDENTIFICANDO UM POETA

Singro mares de verborragia,
mas onde anda a poesia?
Assim como num cortejo,
sigo atrás de versos vários,
vagos, multifários.
Entro neste labirinto,
cujos perigos pressinto,
aqui, caio, ali, tropeço,
recomeço,
cada passada meço
e não me reconheço.
Volto, pé ante pé,
busco minhas pegadas.
– Por onde eu ia?
por onde eu seguia?
pergunto aos meus astros
e à minha estrela guia.
Singro mares de verborragia
mas onde se esconde a poesia?
Tantos idílios,
eternas juras
e desventuras!
Bruscos precipícios,
mortes anunciadas,
nem sempre concretizadas.
Manhãs cinzentas,
tardes modorrentas,
noites insones,
cavos estertores,
luas e palores.
Singro mares de verborragia,
e não encontro a poesia.
Tudo é muito manifesto
e, ao mesmo tempo, borrado,

como um palimpsesto.
Mas, de repente, num frêmito,
palma na palma, eu sinto
a impressão procurada,
a impressão desejada,
a impressão desenhada,
como finos arabescos,
sobre nervuras de folhas.
E, qual moderno Lombroso,
sem mais delonga, indigito:
– Este é o criminoso!



Impressão e Acabamento:

Gráfica Scortecci

www.graficascortecci.com.br

grafica@graficascortecci.com.br



Mauro Mendes nasceu em 1945, em Fortaleza (CE). Em 1972, formou-se em Engenharia Química pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará e, em 1974, fez pós-graduação em Engenharia Sanitária na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro. Desde 1976, reside em Salvador (BA), onde passou a atuar na área de controle do meio ambiente, inicialmente no Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CEPED) e, posteriormente, no Centro de Recursos Ambientais (CRA), Órgão Estadual de Controle Ambiental, atual INEMA. Desde 1990, vem prestando serviços de consultoria a empresas públicas e a empresas do Pólo Industrial de Camaçari (BA), sobretudo nas áreas de licenciamento ambiental e de controle da poluição atmosférica.

*Garatuja*s é uma coletânea de textos (poemas e prosa poética) escritos desde o início da década de 70 e que abrange, portanto, diversas épocas e diferentes fases da minha vida.

Entre outros significados, o termo “garatuja” quer dizer desenho rudimentar, mal feito ou tosco, algaravia, borrões, burundangas, gatafunhos, garabulha, garafunhas, gatimanhos e houve mesmo quem me aconselhasse a não usá-lo como título do livro, por ser pejorativo. Que pejorativo que nada! Na verdade, o título não poderia ser outro e, de fato, ele surgiu de forma muito natural, há muito tempo, como sabem alguns poucos que leram os textos mais antigos. “Garatuja” e “garatujar” são os termos que melhor traduzem o conteúdo deste livro, no qual predominam a experimentação e a brincadeira com as palavras e a forma lúdica, livre e desorganizada de dizer as coisas. O leitor não deve, portanto, se espantar com a desobediência, aqui e ali, às tradicionais regras de acentuação e pontuação e da versificação clássica nem com os neologismos...

*Garatuja*s tem muito a ver com o sonho e o devaneio, onde as imagens, no mais das vezes, são borradas e o enredo é confuso... Um contorno de sombra... Burundangas, gatimanhos, garafunhas...

*Garatuja*s é tudo isto, não é nada disto, é muito mais que isto. Não há a pretensão de que um poema seja perfeito ou uma coisa acabada ou a “última palavra”. Ao contrário, um poema, aqui, deve ser sempre considerado um fragmento, extrato de uma essência inacabada, sempre à espera de um lento por vir...

*Garatuja*s é brincadeira e é coisa séria...

Mauro Mendes
Salvador (BA), maio de 2015

SCOR
Editora
TECCI

